

Índio ensina a cortar madeira

PIONEIROS

Aldeia mostra os primeiros resultados do plano de manejo sustentado da mata

Os índios Xicrin do Cateté, do sul do Pará, deram ontem um exemplo de como extrair a madeira da floresta sem devastá-la, como faz a grande maioria dos madeireiros e os próprios índios de outras tribos. A técnica de extração poupa, durante o corte da árvore, que outras espécies sejam atingidas. Os ministros da Justiça, José Gregori, do Meio Ambiente, José Sarney Filho, a presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Marília Marreco, e o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Glênio Alvarez, afirmaram, durante solenidade de retirada da primeira safra de madeira, que o projeto de manejo deverá ser levado para outras áreas da Amazônia.

Esse projeto - resultado do esforço conjunto de órgãos governamentais, entidades ambientalistas e empresas, como a Companhia Vale do Rio Doce -, de acordo com o ministro José Gregori, é um "belo exemplo" de como se deve, a partir da utilização de técnicas de manejo, combater o corte indiscriminado de árvores e o contrabando de madeira dentro de reservas indígenas. "Aqui, nenhum madeireiro irá entrar para retirar madeira, pois será colocado para fora pelos índios", disse o ministro José Sarney Filho. "Estou diante de um perfeito trinômio de legalidade, de técnica e da boa convivência com a floresta", interveio Gregori.

O plano de manejo dos Xicrin do Cateté é resultado de uma parceria entre a Associação Bep-Nói de Defesa do Povo Xikrin do Cateté e o Instituto Socioambiental (ISA) e conta com o apoio logístico e financeiro da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), do Ibama e do Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil, subprograma Pro-Manejo, do Ministério do Meio Ambiente. O local da reserva de 450 mil hectares é uma área de 40 mil hectares onde o projeto está sendo executado. Técnicos do ISA e ambientalistas,

após exaustivos estudos, definiram a área, onde 22 espécies de madeira podem ser cortadas. O mogno é a principal espécie a ser explorada.

Durante o corte da árvore, o tronco é direcionado com o objetivo de evitar que, na queda, as árvores que ainda estão em fase de crescimento sejam atingidas. A presidente do Ibama, Marília Marreco, disse que essa forma de exploração faz com que, em apenas 30 anos, a área de onde a madeira foi retirada seja recomposta. O resultado dessa exploração dará aos índios a autonomia econômica, pois eles poderão comercializar diretamente com os compradores a madeira que retiraram da floresta.

"O meu povo está muito feliz. Agora nós vamos melhorar de vida e ensinar para os mais novos aquilo que estamos aprendendo com os "brancos", resumiu o cacoique Bep Karod. O dinheiro obtido com a venda da madeira será administrado pela Associação dos Xicrin do Cateté.

Festa - Para comemorar o sucesso do projeto e a visita das autoridades, os xikrins, que são um subgrupo kaiapó, vestiram-se para festa, reunindo os moradores das duas aldeias, Cateté e Djudje-Ko, para cantar e dançar durante todo o dia. "Os xikrins foram os primeiros entre os povos indígenas a conseguir a legalidade na exploração da madeira e para isso contaram com sua própria força de vontade e a ajuda de parceiros", disse o ministro Sarney Filho.

Ao todo, sem contar a estrada, foram necessários cerca de R\$ 2 milhões, incluindo a participação do ISA e seus parceiros financeiros, para viabilizar esse projeto. O volume retirado nessa primeira colheita experimental foi de 800 metros cúbicos de toras, cerca de 80% de mogno que serão comercializados e deverão gerar uma receita entre R\$ 80 mil e R\$ 100 mil reais para os índios.

INSTITUTO	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	O Liberal
Data	26/10/2000 Pg 10
Class.	



O ministro Gregori, de braços dados com uma índia, participa da demonstração do plano de manejo dos Xikrin

Novas áreas serão exploradas a partir do ano que vem

A terra indígena Xikrin do Cateté, com área total demarcada de 439.150 ha, está localizada na região sul do Estado do Pará, entre os municípios de Parauapebas e Tucumã. Vivem nesta área atualmente cerca de 700 índios, em sua maioria jovens com menos de 30 anos. Na década de 70, com a abertura de estradas que interligaram os municípios da região, ocorreu um forte processo de supressão da vegetação original, caracterizado pela exploração madeireira descontrolada, e o desmatamento para formação de pastagens. A principal espécie explorada

até hoje é o mogno (*Swietenia macrophylla*), madeira de alto valor e enorme procura no mercado.

Ao final dos anos 80, toda a pressão ambiental em torno da terra indígena resultou em várias incursões de madeireiros e fazendeiros por dentro da área Xikrin, com ou sem autorização dos índios. Na tentativa de obter maiores lucros, por vezes os madeireiros compravam a madeira diretamente dos índios. Porém essa madeira era extraída de forma não sustentável, sem o monitoramento dos Xikrin, e ilegal perante o Ibama. Os acordos eram sempre vantajosos

apenas para o madeireiro.

Apolo - Em 1995, apoiados pelo Instituto Socioambiental (ISA), os índios fundaram a Associação Bep-Nói de Defesa do Povo Xikrin do Cateté. Desde então vem sendo desenvolvido o Projeto de Manejo Florestal da Área Xikrin do Cateté, uma parceria entre a Associação Bep-Nói, o ISA e, desde 1998, a Companhia Vale do Rio Doce, que financia e apóia a iniciativa. A partir do ano 2000, o projeto passou a receber financiamento do ProManejo (Programa Piloto para Proteção de Florestas Tropicais do Brasil - MMA).

O plano de manejo de uma área de 1.400 ha foi elaborado pelo ISA e aprovado pelo Ibama em 1995. Agora, em 2000, se está realizando a colheita dessa primeira área, e extraindo um volume de aproximadamente 800 m³ de toras, em caráter piloto. Essas toras estão sendo transportadas até a cidade de Tucumã, onde são serradas e comercializadas.

Em 1999 foram realizados o inventário diagnóstico de uma nova área de 23.000 ha, e o inventário pré-exploratório de 1.100 ha. Essas novas áreas serão exploradas a partir do ano 2001.